



## Por uma semiótica dirigida pela metodologia

Jacques Fontanille\*

Didier Tsala-Effa\*\*

Tradução de Matheus Nogueira Schwartzmann\*\*\*

e Gustavo Henrique Rodrigues de Castro\*\*\*\*

**Resumo:** Uma das dificuldades constantes da semiótica é a distância que se instalou entre as especulações teóricas e as reflexões epistemológicas, de um lado, e os métodos e resultados da descrição e da interpretação dos dados, de outro. Neste trabalho, tentando solucionar o problema, propomos inverter a ordem habitual das prioridades e considerar que a semiótica deve ser conduzida pela metodologia e não diretamente pela epistemologia. Acrescentamos dois critérios a esse pressuposto de base: (i) a capacidade que tem o método para dar conta da singularidade dos objetos analisados e (ii) a articulação desse método com o das disciplinas vizinhas que se ocupam dos mesmos objetos. Nossa proposta será articulada em duas etapas, portanto: (1) um exame detalhado, no âmbito da teoria da linguagem, das condições sob as quais é possível, ao mesmo tempo que a estruturação da forma, levar em consideração as variações substanciais e (2) uma reflexão, fundada nos resultados do primeiro ponto, a respeito do tratamento das singularidades práticas na interface entre a semiótica e a etno-antropologia. O conjunto desta proposta é uma contribuição em favor da diversificação controlada dos regimes metodológicos da semiótica.

DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.160198

\* Professor emérito da Universidade de Limoges, França, onde foi reitor (2005-2012) e fundador do Centro de Pesquisas Semióticas (CeReS). É titular da cadeira de Semiótica no Instituto Universitário da França, tendo sido também chefe de gabinete do Ministério do Ensino Superior e da Pesquisa da França (2013/2014). Endereço para correspondência: ( [jacques.fontanille@unilim.fr](mailto:jacques.fontanille@unilim.fr) ). ORCID iD: ( <https://orcid.org/0000-0003-1141-1596> )

\*\* Professor da Universidade de Limoges, França. Membro do Centro de Pesquisas Semióticas (CeReS). Em geral, seus trabalhos incidem sobre os temas: robótica, interação, sociosemiótica da relação, objetos sociodigitais e discursos midiáticos. Publicou inúmeros artigos de semiótica aplicada ao discurso da imprensa, ao *marketing* e aos fatos semio-antropológicos. Endereço para correspondência: ( [didier.tsala-effa@unilim.fr](mailto:didier.tsala-effa@unilim.fr) ). ORCID iD: ( <https://orcid.org/0000-0003-1141-1596> )

\*\*\* Professor do Departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Assis (SP), e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: ( [matheus.schwartzmann@unesp.br](mailto:matheus.schwartzmann@unesp.br) ). ORCID iD: ( <https://orcid.org/0000-0002-2887-3570> )

\*\*\*\* Formado em Letras com habilitação em Língua Francesa pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Assis (SP). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara, São Paulo, Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp (MS1-2018/08922-8). Endereço para correspondência: ( [g.castro@unesp.br](mailto:g.castro@unesp.br) ). ORCID iD: ( <https://orcid.org/0000-0003-4486-9579> )

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Estruturação da Forma; Variações Substanciais; Singularidade; Regimes Metodológicos.

## Introdução

Uma das dificuldades constantes da semiótica é a distância, para não dizer lacuna, que se instalou entre as especulações teóricas e as reflexões epistemológicas, de um lado, e os métodos e resultados da descrição e da interpretação dos dados, de outro. A partir disso, podemos chegar a duas constatações: hoje é praticamente impossível verificar, com precisão, quais são os ganhos científicos adquiridos ou esperados no âmbito da pesquisa semiótica, e, na contramão das ambições anunciadas na metade do século XX, as práticas de análise ditas “semióticas” vêm se diluindo nos usos acadêmicos correntes em algumas disciplinas, especialmente naquelas que estudam as mídias contemporâneas.

Também podemos apontar outros efeitos prejudiciais dessa situação, como: (i) a inconsequência geral das tipologias semióticas teóricas que pouco se ocupam da diferenciação metodológica, satisfazendo-se com procedimentos de análise uniformes, quando não indistintos; (ii) a frequente incapacidade que têm as análises semióticas diante da especificidade individual de cada objeto; e (iii) a tendência bastante comum de apagar, por meio de um esforço teórico-metodológico, a heterogeneidade e a diversidade intrínseca aos dados que serão considerados na análise semiótica.

Essa situação decorre da própria incerteza que pesa sobre o estatuto epistemológico da semiótica, em razão do fundamento científico e disciplinar desarmônico que a caracteriza. Para reforçar e explicitar os laços entre epistemologia, teoria, análise e constituição de dados, é preciso de fato assumir plenamente o estatuto empírico e inter-(ou trans-)disciplinar dessa prática de construção do sentido. Sob essa condição, a constituição dos dados se torna indissociável de sua elaboração teórica, a metodologia de análise e as escolhas epistemológicas se ajustam reciprocamente, a diversidade e a heterogeneidade constitutiva dos objetos estudados passam a ser levadas em conta nas proposições teórico-metodológicas. E tudo acontece, sobretudo, no decorrer de um diálogo entre a semiótica e outras “ciências do sentido” que já ocupam o terreno.

Esta contribuição repousará sobre duas escolhas assumidas, que darão espaço a dois desenvolvimentos consecutivos: (1) o primeiro diz respeito ao horizonte teórico de referência, escolhido por sua capacidade de manter o diálogo entre a semiótica e a teoria da linguagem e, mais precisamente, a linguística teórica; (2) o segundo diz respeito a um dos aspectos da metodologia, como a capacidade da semiótica em lidar com a especificidade dos objetos que analisa, em interação com as ciências diretamente interessadas por esses objetos. Por um lado, trata-se de uma das interfaces entre a semiótica e as ciências humanas e sociais: a interface com a linguística. Por outro, trata-se da natureza daquilo que se pode esperar de uma disciplina de pesquisa (a semiótica) que se interessa pelas obras e, de modo geral, pelos produtos da cultura: nesse caso, a elaboração de modelos gerais não basta para satisfazer essa expectativa, pois cada obra, cada objeto, submetido a leis mais gerais, tem sempre seu valor cultural aferido pela sua irreduzível

singularidade.

O objetivo deste estudo será o de examinar, portanto, em um primeiro momento, a partir de uma interface com a linguística e, em um segundo momento, a partir de uma interface com a etnologia, como a semiótica pode produzir análises individualizantes sem, no entanto, romper com os princípios e métodos inspirados pela teoria da linguagem, adaptando-se assim a outras ciências humanas e sociais, segundo a natureza dos objetos analisados.

## A variação substancial na teoria da linguagem

A necessidade de questionar a dimensão metodológica da semiótica como ciência da significação não é apenas uma urgência que decorre subitamente da incerteza que hoje recai sobre o seu estatuto institucional. Trata-se de uma questão de base que, do próprio ponto de vista da história da semiótica, sempre precedeu à sua definição enquanto projeto de pesquisa inspirado pela teoria da linguagem. Louis Hjelmslev, cujo papel, nesse sentido, é central, trata do assunto já em seu artigo “Sobre as relações entre a fonética e a linguística”, publicado em 1938 (antes de *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*), e depois amplia essa discussão em “A estratificação da linguagem”, texto de 1954 (após *Prolegômenos*), quando busca estabelecer e precisar a sua definição de língua em relação àquela proposta por Ferdinand de Saussure.

Nesse caso, o que está em questão é o estatuto preciso da dicotomia “forma / substância” tal como Hjelmslev a entende. Trata-se de estabelecer uma perspectiva analítica diante da perspectiva desenvolvida no *Curso de linguística geral* (Saussure, 2012 [1916], “O valor linguístico”), uma perspectiva “etiológica”, na medida em que o que move Saussure consiste, primeiramente, em definir as condições de funcionamento da língua, para só então depreender as leis imanentes por meio das quais ela funciona. Na obra de Hjelmslev, dois momentos chamam a atenção como tendo particularmente contribuído com essa elaboração: a “introdução do conceito de matéria” e a “elaboração de uma concepção de forma como noção de epistemologia geral”.

O conceito de matéria se impõe a Hjelmslev quando ele busca esclarecer sua concepção de substância em relação à definição proposta por Saussure, descrita como uma massa amorfa, puramente ontológica, ao contrário da língua, que seria uma forma, isto é, o produto de uma articulação:

Poder-se-ia chamar à língua o domínio das articulações, tomando essa palavra no sentido definido na p. 42: cada termo linguístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma ideia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma ideia. A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura. A linguística trabalha, pois, no terreno limítrofe em que os elementos das duas ordens se combinam: essa combinação produz uma forma, não uma substância. (Saussure, 2012 [1916], p. 159-160)

Hjelmslev considera a *matéria* de duas maneiras diferentes. De um lado, como um dado físico preexistente à língua, o que seria equivalente à substância

ontológica de Saussure, isto é, uma substância que não se pode acessar senão por meio da abstração. De outro, Hjelmslev considera a substância como sendo subordinada a uma forma.

Essa primeira abordagem é um desdobramento da perspectiva etiológica de Saussure, mas em uma versão matizada. É o que podemos concluir a partir do trecho a seguir, recuperado pela linguista Anne Gaëlle-Toutain (2013), quando ela busca esclarecer esse fato na obra de Hjelmslev:

Os sons, enquanto dados físicos, são ao mesmo tempo matéria da expressão, especificamente imprimida pela forma da expressão linguística, e, ao mesmo tempo, apresentam-se como substância em relação à forma. Quando consideramos a matéria enquanto tal, estamos diante de fenômenos físicos; a partir do momento em que consideramos a matéria enquanto substância subordinada à forma, estamos diante dos sons da língua [...]. Também no mundo das ideias, a língua coloca suas fronteiras, dando forma à matéria [...]. Essa formalização do conteúdo transforma a matéria do conteúdo em substância do conteúdo, e as ideias se tornam ideias languageiras, isto é, conceitos. (Hjelmslev, 1973 [1938], p. 182-222)

A distinção estabelecida por Hjelmslev traz um ganho notável, pois ela separa de modo decisivo a substância ontológica daquela descrita como substância linguística. A substância ontológica, contemplada enquanto “fenômenos físicos”, é a mesma da qual fala Saussure, e ela preexiste à língua. Quanto à substância linguística, que seria dependente da língua enquanto forma, é interessante observar que ela leva ao reconhecimento dos sons como “matéria da expressão”, isto é, como um dado especificamente produzido pela forma da expressão linguística. É também a substância linguística que, atribuindo uma forma a um conteúdo, converte a matéria do conteúdo em substância do conteúdo. Assim, nas palavras de Hjelmslev, “as ideias se tornam ideias languageiras, isto é, conceitos”. Essa é a ideia contida no princípio de *pertinência abstrativa* de Karl Bühler, evocado por Hjelmslev para endossar esse funcionamento particular da substância linguística:

a matéria da linguagem é tratada como substância por uma forma linguística [...]. Essa operação intelectual de abstração por meio da qual nós passamos da matéria da expressão à forma da expressão está bastante próxima daquela que, no domínio do conteúdo, faz passar da matéria do conteúdo à forma do conteúdo. (Hjelmslev, 1973, p. 152, tradução nossa<sup>1</sup>)

Poderíamos, então, admitir para a *substância* uma posição intermediária na seleção da pertinência: na interface entre a *matéria* (ontológica) e a *forma* (linguística), de um lado, a substância acolhe o que, da matéria, é pertinente para se chegar à forma e, de outro lado, ela demonstra que as abstrações formais não estão definitivamente isoladas das realidades existenciais. Esse tipo de mediação poderia ser aproximado do conceito de *fundamento* (“*ground*”), como proposto por C. S. Peirce, que estaria na base de todo procedimento de extração de um *objeto imediato* dentre todas as faces disponíveis do *objeto dinâmico*. O objeto imediato está diretamente implicado na constituição de um determinado signo, ao passo

---

<sup>1</sup> “[...] la matière du langage est traitée comme substance pour une forme linguistique [...] l’opération intellectuelle d’abstraction par laquelle nous passons de la matière de l’expression à la forme d’expression est très exactement analogue à celle qui, dans le domaine du contenu, fait passer de la matière du contenu à la forme du contenu.”

que o objeto dinâmico manifesta todo o potencial significante ainda não explorado no signo em questão.

O princípio de pertinência abstrativa foi elaborado por Karl Bühler em torno dos desenvolvimentos de Troubetzkoy sobre a fonética e a fonologia, tendo como pano de fundo os seus trabalhos em psicologia. Foi esse princípio o que permitiu a Bühler estabelecer a importância da língua (ele fala mais precisamente de linguagem) para se compreender os tipos de relações que unem um mesmo signo à multiplicidade de suas variações. Seu ponto de partida, elaborado em seu estudo consagrado ao “Desenvolvimento mental da criança”, é um ensaio que pretende abordar todos os fenômenos em sua multiplicidade, em oposição a um monismo de princípios. Passando pela parábola da criança, Bühler introduz o conceito de visão ortoscópica, que seria a apreensão de um objeto segundo uma visão lateral. Esse conceito foi detalhadamente exposto por Perrine Marthelot, na sua obra *Karl Bühler, du contexte à la situation: La signification* (2012). Segundo Marthelot (2012, p. 72, tradução nossa<sup>2</sup>):

quando reproduz um objeto do mundo, a criança posiciona frequentemente a representação que faz desse objeto a partir do ponto de vista do único ângulo que um olho situado perpendicularmente a ela mesma poderia criar. Para representar uma cadeira, a criança desenha três traços de um perfil a partir da posição de um observador localizado perpendicularmente ao objeto. Mas ela seleciona um só aspecto, aquele da forma ortoscópica, que se sobressai a todos os outros.

Partindo dessa parábola, Bühler constata, especialmente, que a forma ortoscópica é preponderante em nossas representações das coisas, em função de uma tendência de localização ortogonal, isto é, de uma propensão a localizar as impressões das figuras perpendicularmente à linha de visão. Dessa maneira, o aspecto selecionado pela visão ortoscópica se distingue da perspectiva, porque, uma vez que ocorre a partir de uma visão perpendicular e seletiva, só permite o acesso a apenas uma parte do objeto, sem permitir implicitamente o acesso às outras visões possíveis e aos outros aspectos do objeto.

Ora, segundo Bühler, todo objeto, todo signo é, antes de tudo, uma unidade complexa, suscetível de ser apreendida sob vários pontos de vista, e, se devemos escolher um deles por vez, é preciso que os outros estejam presentes implicitamente, como pontos de vista potenciais, o que nos leva a reestabelecer uma perspectiva. Em suas propostas, Bühler segue introduzindo seu modelo instrumental da linguagem, composto por três funções da linguagem, definidas como três modos possíveis de variação do signo linguístico relativamente aos três polos da situação de comunicação:

A linguagem é absolutamente um sistema de signos, destaca Bühler. Consequentemente, um mesmo signo pode ser compreendido tanto como sintoma de um estado interior (na realização da função de manifestação), tanto como um sinal capaz de guiar o comportamento dotado de sentido (na função de apelo ou chamamento) ou,

<sup>2</sup> “ lorsqu’il reproduit un objet du monde, l’enfant positionne la plupart du temps sa représentation de l’objet selon le point de vue de l’angle unique qu’en donnerait un œil placé perpendiculairement à lui. Pour représenter une chaise, l’enfant trace trois traits d’un profil, selon la position d’un observateur placé perpendiculairement à l’objet. Il ne reproduit pas la complexité de l’objet, mais il sélectionne un aspect, celui de la forme orthoscopique qui prime sur les autres.”

ainda, como um símbolo, na função de representação, em virtude do princípio de pertinência abstrativa nas situações concretas de fala. É em razão desse princípio de seleção dos aspectos que Bühler procura trazer uma resposta para a questão do tipo de relação que une um mesmo signo à multiplicidade de suas variações. (Marthelot, 2012, p. 54, tradução nossa<sup>3</sup>)

Dessa forma, o princípio de *pertinência abstrativa* se justifica, em Bühler, na medida em que permite definir a função central da linguagem (a língua hjelmsleviana) na formalização do signo como um lugar de seleções. Essa é, de fato, a postura assumida por Hjelmslev (1973 [1938], p. 151-152, tradução nossa<sup>4</sup>):

o reconhecimento do som da linguagem se efetua, portanto, à custa de uma abstração, descartando certos aspectos da matéria fonética dada, que parecem não ser pertinentes para a forma linguística, e considerando que outros aspectos são, ao contrário, pertinentes; nós os consideramos assim tanto como gênero próximo, quanto como diferença específica em relação aos parâmetros definidores do som da linguagem. Propomos, nesta análise, o “princípio de pertinência abstrativa” segundo a expressão de K. Bühler, segundo o qual a matéria da linguagem é tratada como substância por uma forma linguística [...] e a operação intelectual pela qual passamos da matéria da expressão à forma da expressão é exatamente análoga àquela que, no âmbito do conteúdo, faz passar da matéria do conteúdo à sua forma. [...] Toda forma linguística do conteúdo, todo conceito linguístico deve ser definido de modo que possibilite descartar certos elementos de significação como variantes semânticas, e, ao contrário, integrar os outros como parâmetros pertinentes para a definição.

Saímos, definitivamente, de uma ambiguidade revelada anteriormente, no capítulo “Acento, entonação, quantidade”, que, desse ponto de vista, traduziria as questões ligadas à passagem da substância à forma. A questão anunciada torna-se particularmente a da passagem da matéria à forma, em que a substância desempenha um papel de mediação, sobretudo de conjunto *potencial de aspectos* para uma relativização do signo. É esse um dos aspectos mais importantes, senão o principal, quando, em “A estratificação da linguagem”, Hjelmslev escolhe se questionar sobre os *strata*, isto é, sobre as relações entre a dupla distinção

---

<sup>3</sup> “Le langage est de part en part un système de signes, souligne Bühler. Par conséquent un même signe peut être compris tantôt comme symptôme d’un état intérieur (dans la réalisation de la fonction de manifestation), tantôt comme un signal guidant le comportement doué de sens (dans la fonction d’appel), tantôt comme symbole dans la fonction de représentation, en vertu du principe de pertinence abstractive à l’événement concret de parole. C’est en raison de ce principe de sélection des aspects que Bühler est en mesure d’apporter une réponse à la question du type de relation qui unit un même signe à la multiplicité de ses variations.”

<sup>4</sup> “La reconnaissance du son du langage s’effectue donc au prix d’une abstraction, en écartant certains aspects de la matière phonétique donnée, qui paraissent sans pertinence pour la forme linguistique, et en considérant que d’autres aspects sont au contraire pertinents ; on les considère ainsi tantôt comme genre proche, tantôt comme différence spécifique par rapport aux paramètres définitoires du son du langage. On met en jeu, dans cette analyse, le ‘principe de la pertinence abstractive’ selon l’expression de K. Bühler ; la matière du langage est traitée comme substance pour une forme linguistique. [...] l’opération intellectuelle d’abstraction par laquelle nous passons de la matière de l’expression à la forme de l’expression est très exactement analogue à celle qui, dans le domaine du contenu, fait passer de la matière du contenu à la forme du contenu. [...] Toute forme linguistique du contenu, tout concept linguistique doit être défini de telle sorte qu’on écarte certains éléments de signification comme variantes sémantiques, et au contraire qu’on intègre les autres, comme paramètres pertinents, à la définition.”

introduzida por Saussure entre *forma* e *substância* e entre *conteúdo* (significado) e *expressão* (significante).

Tendo chegado, como o sabemos, graças à doutrina glossemática, às quatro grandezas que são a substância do conteúdo, a forma do conteúdo, a forma da expressão e a substância da expressão, Hjelmslev retoma uma consequência essencial dessa sua elaboração, cujo efeito, frequentemente despercebido, está vinculado ao método de análise habitualmente empregado pela semiótica: trata-se da maneira pela qual as relações entre essas grandezas são, no geral, consideradas.

Examinando as diferenças e as analogias entre essas quatro grandezas, Hjelmslev chega a uma hierarquia de três classes de *strata*: 1º plano do conteúdo/plano da expressão; 2º forma do conteúdo/substância do conteúdo, e 3º forma da expressão/substância da expressão. Se, desse modo, for verdade que essas classes podem ser concebidas tanto do ponto de vista sintagmático quanto do ponto de vista paradigmático, “respectivamente como cadeias ou como paradigmas”, Hjelmslev observa, especialmente, uma propensão a uma única concepção sintagmática quando esses *strata* se apresentam à análise imediata.

Em outras palavras, ainda que seja possível conceber esses *strata* como membros de um paradigma, só são levados em conta, habitualmente, nos dois planos, a única relação semiótica ou de solidariedade, e, para a forma e para a substância, a única relação de manifestação ou de seleção, “a substância selecionando a forma” no interior de cada plano. Hjelmslev sugere a explicação a seguir, que por fim é lógica, e que, em última instância, justifica um pouco *a posteriori* o modo de estruturação da função semiótica:

Uma vez que a determinação (função unilateral entre a substância como variável e a forma como constante) só é válida do ponto de vista sintagmático (como uma seleção), enquanto do ponto de vista paradigmático há reciprocidade (mais particularmente, complementaridade) entre forma e substância, a substância não pode desempenhar o papel de uma variável a não ser nos casos claros em que a sintagmática é a única coisa que está em causa [...]. Parece certo que a interdependência constituída pela função semiótica é de ordem nitidamente sintagmática (portanto, tem-se a solidariedade) e que, como consequência desse fato, a relação semiótica deve ser considerada como contraída pela forma do conteúdo e pela forma da expressão unicamente, sem o concurso das substâncias. (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 159)

A proposição de Hjelmslev torna-se heurística quando, em referência a essa explicação e em prolongamento ao que já havia proposto em “Sobre as relações entre a fonética e a linguística”, ele argumenta novamente em favor da substância como matéria. A questão central, nesse caso, é a da comutação, isto é, dos jogos de correlações entre variantes compreendidos como aquilo que organiza a “análise imediata” de qualquer estágio de cada plano.

A partir do momento em que se considera a identificação dos elementos que contribuem para uma exigência de comutação, a substância, segundo Hjelmslev, torna-se necessária de fato, e, ainda que ela não participe necessariamente da função semiótica, como acabamos de ver, ela “se impõe” (Hjelmslev, 1978, p. 160), como ele o diz, precisamente. Encontramos, mais uma vez, uma das diferenças essenciais que distingue Hjelmslev de Saussure. O plano do qual decorre a comutação, isto é, a identificação de elementos que dele derivam, “não se reduz mais a uma forma pura (Saussure), ele se torna um plano do conteúdo e um plano

da expressão, respectivamente”. Em outras palavras, com a comutação não há outra possibilidade senão a de se situar, já de início, na única esfera semiótica. De fato, esse é o ponto essencial de “A estratificação da linguagem”. Hjelmslev constrói aí sua demonstração por meio daquilo que ele apresenta como um “fato bastante conhecido”:

É um fato bem conhecido, por exemplo, que uma única e mesma forma de expressão pode ser manifestada por substâncias diversas: fônica, gráfica, sinais por bandeiras etc. Frequentemente hesitamos diante desse fato, e o explicamos de maneiras diversas. Podemos discuti-lo, mas não podemos descartá-lo. O fato permanece. (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 161)

Nesse trecho, ele deduz três observações fundamentais. A primeira, que assume a forma de uma prevenção, diz respeito à natureza das substâncias descritas. Na medida em que elas operam dessa maneira, enquanto manifestantes, essas substâncias, na terminologia glossemática, só podem ser compreendidas como substâncias já semioticamente formadas. Ora, isso deveria parecer paradoxal, já que também há casos em que uma análise diferenciada de um plano da expressão pode fornecer duas formas semióticas diferentes. A exemplo disso, Hjelmslev indica que, “no caso normal de uma língua como o francês ou o inglês, a análise fonemática e a análise grafemática do plano da expressão fornecerão apenas duas formas semióticas diferentes, manifestadas por substâncias diferentes, o que adia a restrição de uma formação semiótica prévia” (1978, p. 162). Em outros termos, mesmo que o exemplo dado não seja dos mais eficazes para essa hipótese, a perspectiva que leva a considerar substâncias não formadas semioticamente está muito evidente.

É justamente essa constatação que conduz à abordagem heurística que nós identificamos em “A estratificação da linguagem”. Segundo Hjelmslev, o desafio não está, exatamente, na multiplicação das formas que, uma a uma, podem convocar a(s) substância(s) que a(s) manifesta(m), sendo essas semioticamente formadas ou não. Trata-se, pois, de um problema relativo à ordem que as substâncias impõem à manifestação, de modo que só se pode operar em um único sentido, isto é, partindo da(s) substância(s) em direção à forma: “vê-se no mesmo instante, aliás, que será impossível inverter os termos e pretender que uma mesma substância possa revestir formas semióticas diferentes” (Hjelmslev, 1978, p. 162), pois é a substância que comporta o potencial de variações e de aspectos. Hjelmslev retoma, então, o termo *matéria* para designar essas diferentes conformações de substâncias. Dessa maneira, não é mais necessário distinguir entre as substâncias semioticamente formadas e as substâncias semioticamente não formadas. Mas Hjelmslev prossegue dizendo – e sem cair em contradição – que isso permite, também, que uma mesma matéria (por exemplo, a matéria fônica, gráfica etc.) possa vir a manifestar formas semióticas diferentes, sendo que essa matéria, sob pena de escapar ao conhecimento, “deve ser cientificamente formada, pelo menos num grau que permita distingui-la de outra matéria” (Hjelmslev, 1978, p. 162).

Tendo sido estabelecido o termo *matéria*, a segunda observação, apenas indicativa, concerne ao quadro de realização dessa multiplicidade de substâncias. Em relação à forma semiótica, essa multiplicidade só vale para a forma de cada plano considerado isoladamente: para a forma do conteúdo e para a forma da

expressão. Há, portanto, entre os dois planos, uma relação de arbitrariedade. De início, é interessante ater-se ao fato de que uma mesma forma do conteúdo pode ser expressa por diversas formas de expressão e vice-versa.

Por fim, a terceira observação é exposta por Hjelmslev como uma implicação natural, decorrente da evidência atestada da diversidade das substâncias: “enfim, não seria possível assinalar o fato constituído pela multiplicidade das substâncias sem insistir, ao mesmo tempo, sobre um outro fato que vem complicá-lo, aparentemente: queremos, com isso, referir-nos ao fato de uma mesma substância comportar, por sua vez, vários aspectos, ou, como preferimos dizer, vários níveis” (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 163). É desse modo que ocorre com a substância da expressão, a exemplo da substância fônica:

Sabe-se que a substância fônica, considerada em seu conjunto e no sentido mais amplo do termo, exige pelo menos uma descrição fisiológica (também chamada de articulatória, miocinética, etc.) e uma descrição puramente física (ou acústica, no sentido próprio desse termo), e que é preciso acrescentar a isso, sem dúvida, uma descrição auditiva, segundo a percepção dos sons da linguagem pelos sujeitos falantes. Em princípio, as outras substâncias de expressão concebíveis não se comportam de modo diferente: também para elas haverá pelo menos uma descrição física e uma descrição por apercepção. (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 163)

E igualmente com a substância do conteúdo:

Em relação à substância do conteúdo, com toda evidência, é a descrição pela avaliação que se impõe de imediato. Não é pela descrição física das coisas significadas que se chegaria a caracterizar de modo útil o uso semântico adotado em uma comunidade linguística e que pertence à língua que se quer descrever. Pelo contrário, isso se dará através das avaliações adotadas por essa comunidade, as apreciações coletivas, a opinião social. A descrição das substâncias deve, portanto, consistir antes de mais nada numa aproximação da língua às outras instituições sociais, e construir o ponto de contato entre a linguística e os outros ramos da antropologia social. É assim que uma mesma e única “coisa” física pode receber descrições semânticas bem diferentes conforme a civilização que se estiver considerando. (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 163)

A partir desses trechos, chegamos, então, à contribuição mais notável de “A estratificação da linguagem” para a economia geral da semiótica. Justificada pela noção de matéria, essa possibilidade de uma diversidade de substâncias, por essas últimas divisões, parece permitir, de fato, uma variedade de escolhas para se ancorar concretamente a *perspectiva* (Cf. *supra*) da análise, isto é, a parte metodológica da semiótica.

Trata-se de uma verdadeira descoberta, mas da qual raramente, se não jamais, chegamos a extrair todas as consequências no exercício habitual da teoria semiótica. Talvez, ao menos em parte, isso tenha uma razão. Estamos falando em substância, ou seja, em uma grandeza do sistema semiótico que, por definição, é exterior à função semiótica, ou, no limite, está aquém dela. Parece, então, difícil, quase “antissemiótico”, desejar dar conta dessa particularidade da substância dentro das condições habituais da prática de análise semiótica. Na realidade, isso só ocorreria no caso de não se ter questionado suficientemente o nível exato a partir do qual ela exerceria sua pertinência. Ora, o próprio Hjelmslev já havia sublinhado o alcance dessa reflexão, a partir da qual fica claro que, longe de comprometer a

função semiótica, a substância, com sua estrutura assim descrita, é justamente o que lhe garantiria o seu sentido ou o seu teor. Isto é, essa visada variável de um conteúdo intencional a outro funda a individualidade de cada objeto:

Não apenas “cavalo”, “cachorro”, “montanha”, “abeto” serão definidos de modo diverso numa sociedade que os conhece (e os reconhece) enquanto indígenas e numa outra sociedade para a qual eles são fenômenos estrangeiros – o que, aliás, não impede, sabe-se muito bem, que a língua disponha de um nome para designá-los, como, por exemplo, a palavra russa para elefante: *slon*. Mas o elefante é algo bem diferente para um hindu ou um africano que o utiliza e o cria, que o teme e o ama, e para uma determinada sociedade europeia ou americana para as quais o elefante só existe como objeto de curiosidade exposto num jardim de aclimação e em circos e feiras, e descrito nos manuais de zoologia. (Hjelmslev, 1978 [1954], p. 164)

É possível, então, dar um passo adiante a fim de determinar onde se situa a questão. É claro que os pressupostos da função semiótica não são reconsiderados de maneira alguma. A função semiótica se mantém central, mesmo quando confrontada por uma *dinâmica de variações e de aspectos submetida a uma perspectiva*. O que resta, e que é revelado a partir dessas descrições da substância, é saber onde essa função entra em vigor, ou seja, aquilo que a funda. Tendo em vista a sugestão de uma série de níveis elementares de organização (fisiológico, físico e perceptivo, para a substância da expressão, e as avaliações adotadas pela comunidade, para a substância do conteúdo – juízos de valor, opinião social), é possível notar de modo mais claro onde Hjelmslev situa o problema: trata-se de uma questão claramente metodológica. Analisar, sim, porém analisar o quê? Essa seria a questão principal. Somos então convidados a assumir uma abordagem da análise semiótica mais atenta à diversidade, mais preocupada com as ancoragens particulares e individualizantes da semiose, como vêm fazendo outras disciplinas das ciências humanas que já se ocuparam do assunto.

## **Antropologia da minimalidade**

As consequências desta discussão sobre o conceito de substância, e sobre as relações entre matéria e forma, muito mais que epistemológicas e especulativas, são metodológicas. Isso porque, durante o próprio procedimento de análise, se pretendermos colocar em prática os princípios da exaustividade e da adequação, a maneira como são consideradas a diversidade e a variabilidade que circundam a estrutura central do sistema, construída na imanência, será determinante. A ideia de *se colocar em perspectiva*, em especial, torna-se uma obrigação de método: não podemos proceder como se o ponto de vista da estrutura central do sistema já não fosse um ponto de vista, menos ainda como se o simples fato de assumi-lo nos dispensasse de considerar ou de preservar os elementos deixados em segundo plano, relegados a um ponto de vista alternativo e complementar. Para o próprio Saussure, a questão do ponto de vista é determinante para o método, e podemos considerar que a totalidade das dualidades que ele manipula (ou que nós o fizemos manipular) no *Curso* são *pontos de vista complementares*. Isto é, para cada par conceitual (diacronia/sincronia, paradigmático/sintagmático, por exemplo), adotar um ponto de vista implica em renunciar outro, e vice-versa. Diante dessa exclusão recíproca, deve-se ter em mente que ambos são indispensáveis para a compreensão

do fenômeno estudado, mesmo se, a princípio, um ponto de vista aparente ser mais marginal ou secundário que o outro.

O problema que se coloca, agora, é o da eventual generalização desse princípio de método, elaborado na interface com a teoria da linguagem. O que nos resta quando confrontamos objetos de outra natureza, manipulados principalmente por outras disciplinas? A quais transformações ele deve ser submetido? Para responder a essas questões, nós propomos examinar, agora, a abordagem semiótica das situações práticas, especialmente na sua interface com a etologia, ramo da antropologia. Para esse propósito, temos em mente um trabalho bastante ilustrativo, conduzido no âmbito da antropologia por Albert Piette, especialista nos modos de existência “minimalistas”.

Na contramão daqueles que buscam um tratamento sistemático para o fato cultural (como Boltanski), a proposta de Albert Piette leva a considerar, justamente, aquilo que garante a especificidade das produções culturais e não o que estrutura e reduz a sua diversidade a um sistema central. Em suma, trata-se de identificar a parte irreduzível dessa diversidade que resiste à estruturação dominante e que manifesta, portanto, o caráter singular da situação analisada. Seus argumentos, conduzidos a partir de observações etnográficas, dão conta tanto dos modos de presença humanos, quanto das maneiras de ser das situações e dos objetos. É esse o tema de *Anthropologie existentielle* (Piette, 2009), obra na qual se firmam uma série de princípios teóricos e metodológicos. Piette inicia seu livro tratando do conceito de minimalidade. Além de seu caráter heurístico, esse conceito nos parece um paradigma a ser seriamente levado em conta para que se questione a ideia de estrutura em ciências humanas e sociais, especialmente em relação ao tratamento que essa noção recebeu ao longo do tempo. Em um primeiro exemplo, partindo dos detalhes da vida cotidiana, observando os modos de presença dos humanos e dos macacos, Piette mostra que a única maneira possível de caracterizar os humanos seria relacionando-os ao seu modo passivo:

Quando nós observamos o ser humano atentamente, não raro nos deparamos com presenças sutis que, por vezes e sem que as percebamos, catalisam decisões, geram consequências diversas, às vezes sem muita repercussão, mas que ainda assim se deixam penetrar pelos momentos de vazio, pelos gestos secundários ou pelos pensamentos vagos [...]. O *modo menor*, como nomeamos esse conjunto de detalhes, não é nem uma ação geral, nem um tipo particular de atividade. Ele constitui uma modalidade específica por meio da qual um indivíduo está necessariamente presente num espaço-tempo onde duas ou mais pessoas se encontram em copresença. (Piette, 2009, p. 11, tradução nossa<sup>5</sup>)

Orientado por um ponto de vista comparativo, Piette alicerça seu quadro de argumentos no comportamento dos grandes símios. Segundo ele, “ao ler certos

<sup>5</sup> “Quand nous regardons les hommes dans leurs instants successifs, il apparaît souvent des présences anodines qui, parfois sans que nous le sachions, deviendront créatrices de décisions, génératrices de conséquences diverses, parfois aussi resteront sans suites, mais qui souvent se laissent infiltrer par des moments vides, des gestes secondaires ou pensées vagabondes [...] Le mode mineur, tel que nous avons nommé cet ensemble de détails, n’est ni une action générale, ni un type particulier d’activités. Il constitue une modalité spécifique par laquelle un individu est nécessairement présent dans l’espace-temps où deux ou plusieurs personnes se trouvent en coprésence.”

‘clássicos’ de primatologia, nós descobrimos que a vida dos macacos e dos grandes símios se caracteriza pela ação e pela sinalização” (Piette, 2009, p. 22, tradução nossa<sup>6</sup>). A demonstração que se segue é a ilustração heurística dessa maneira de ser. Piette insiste no caráter intencional e previsível das ações dos macacos, destacando que eles são exímios detectores de sinais e, sobretudo, seres em vigilância permanente. Eles estão sempre buscando identificar esses sinais para os associar a informações, desde quando realizam atividades mais triviais, como comer ou se deslocar, até quando se envolvem em situações mais complexas, como certas interações relativamente pacíficas ou conflituosas.

Retomemos, em especial, algumas descrições de Frans De Waal (1992) e de Hans Kummer (1993) utilizadas por Piette, e que traduzem diferentes rotinas de macacos e de grandes símios:

Então Grey [um macaco-*reshus*] senta-se não muito longe de Tail, coça-se e não cessa de direcionar o olhar para seu adversário [...]. Pensei escutar alguém assobiar de uma colina bastante próxima. Tio Bert, que dormia tão profundamente, que seu lábio inferior até pendia sobre seu peito, endireitou-se de sobressalto e olhou na direção de onde vinha o barulho. Seus olhos, seu nariz, suas orelhas pareciam antenas. (Piette, 2009, p. 22, tradução nossa<sup>7</sup>)

Os chimpanzés passam a mesma impressão: “eles se deslocam em grupo em direção aos limites de seu território, avançando silenciosamente em fila indiana, atentos ao menor ruído vindo ao seu encontro. Eles escalarão uma árvore para vigiar atentamente durante uma hora ou mais” (Piette, 2009, p. 22, tradução nossa<sup>8</sup>).

Piette também reconhece a capacidade que têm alguns grandes símios de introduzir desvios em relação aos comportamentos esperados, o que os primatólogos frequentemente nomeiam erros de interpretação:

No caso dos primatas com hábitos de competição mais aflorados, as taxas de cortisol dependem do sucesso com o qual o indivíduo gerencia suas tensões sociais. Como ocorre com os seres humanos, definitivamente, isso é uma questão de personalidade. Certos machos dominantes apresentam níveis de estresse elevados simplesmente porque não sabem estabelecer a diferença entre um desafio legítimo lançado por outro macho e um comportamento neutro que não deveria preocupá-los. Eles se mostram nervosos e paranoicos. (Piette, 2009, p. 26, tradução nossa<sup>9</sup>)

---

<sup>6</sup> “A lire quelques ‘classiques’ de primatologie, dit-il, nous découvrons que la vie des singes et des grands singes se caractérise par l’action et le signe.”

<sup>7</sup> “Ainsi Gray [un macaque rhésus] s’assoit non loin de Tail, s’épouille et n’arrête pas de jeter des coups d’œil en direction de son adversaire [...] Il me sembla entendre quelqu’un siffler dans la colline la plus proche. Oncle Bert qui dormait si profondément que sa lèvre inférieure pendait sur sa poitrine, se dressa d’un bond et regarda dans la direction d’où était venu le bruit. Ses yeux, son nez, ses oreilles semblaient autant d’antennes.”

<sup>8</sup> “ils se déplacent en groupe vers la périphérie de leur territoire, progressant silencieusement en file indienne, attentifs au moindre bruit venant d’en face. Ils escaladeront un arbre pour faire le guet et écouter une heure durant voire plus.”

<sup>9</sup> “Chez ces primates à l’esprit de compétition très poussé, les taux de cortisol dépendent du succès avec lequel un individu gère ses tensions sociales. Comme chez les êtres humains, c’est en définitive une question de personnalité. Certains mâles dominants présentent des niveaux de stress élevés simplement parce qu’ils ne savent pas faire la différence entre un défi sérieux lancé par un autre mâle et un comportement neutre qui ne devrait pas les inquiéter. Ils se montrent nerveux et paranoïaques.”

Isso se traduz, às vezes, também como uma tática para reorientar a ação de seu oponente:

Os macacos-*reshus*, por outro lado, olham-se diretamente nos olhos durante um conflito; os dominantes intimidam os subordinados fixando seu olhar. Como o contato visual prolongado é ameaçador em sua comunicação, é lógico que eles “desviam prudentemente o olhar durante uma aproximação amigável, como nas reconciliações” [...]. A atitude indiferente não é exatamente apatia, mas uma ação voluntária, não apenas para marcar uma reconciliação, mas também para simular com vistas a produzir um engano [...]. É como se o animal não sáisse desse regime de atenção, mesmo para fazer o mínimo. (Piette, 2009, p. 26, tradução nossa<sup>10</sup>)

Ao enfatizar a minúcia e a precisão das observações dos primatólogos, especialmente o seu entusiasmo em traduzir a inteligência dos macacos e dos grandes símios, o objetivo de Albert Piette é afirmar que são, precisamente, essas modalidades ativas, por meio das quais nós os identificamos, o que os distancia de qualquer característica comprovadamente humana.

Na realidade, os primatologistas destacam a inaptidão dos macacos e dos grandes símios de se desconectarem da ação presente, o que não é, sem dúvida, o caso dos humanos. Albert Piette acredita, evidentemente, que é possível proceder de modo diferente, isto é, por meio de uma outra forma de observação, identificar, nesses animais, os numerosos gestos que permanecem sem resposta. Desse modo, seria possível detalhar os gestos periféricos ao longo de uma ação, bem como observar comportamentos inacabados, como as situações lúdicas. Diante disso, permanece o fato de que essas observações raramente apresentam resultados, exceto quando inseridas em um jogo de expressão. Segundo Albert Piette, ao contrário do que pensam os primatólogos, vítimas de um “erro antropológico”, essa conclusão está na base da distinção entre a vida social do homem e a dos macacos. Quais seriam, então, as implicações dessa especificidade dos humanos, isto é, dessa capacidade de se desconectar das ações presentes? A resposta é de Piette:

A especificidade da vida dos humanos seria ter criado e introduzido um conjunto de suportes externos e, sobretudo, ter engendrado um modo de presença característico. Esse modo consiste na possibilidade de se (re)pousar<sup>11</sup> durante a ação e, portanto, de matizar o modo maior-ativo em diversas formas de modo passivo-menor. A hominização consiste, assim, numa modalização secundária das ações, ou seja, na introdução de um estrato de atenuação durante um encadeamento de ações sequencialmente posterior ao da tensão, este último encontrado no modo de vida dos macacos. (Piette, 2009, p. 36-37, tradução nossa)

Piette descreve, assim, as bases de sua hipótese da *minimalidade*. Ela consiste num modo de ser e de estar presente específico aos humanos. Esse modo se apoia

<sup>10</sup> “Les singes rhésus, au contraire, se regardent droit dans les yeux au cours d’un conflit ; les dominants intimident les subordonnés en les fixant du regard. Comme le contact visuel prolongé est menaçant dans leur communication, il est logique qu’ils « détournent prudemment le regard au cours d’approches amicales, y compris les réconciliations » [ . . . ] L’attitude indifférente n’est pas celle du détachement mais une action volontaire, non seulement pour marquer une réconciliation mais aussi pour simuler en vue d’une tromperie [ . . . ] C’est comme si l’animal ne sortait pas d’un régime d’attention même pour faire moins ou pas vraiment.”

<sup>11</sup> NT. Em francês: “(re)poser”. A proposta de Piette é de difícil tradução, pois propõe um jogo de palavras entre os verbos “se reposer” (descansar) e “se poser” (colocar-se).

nos “restos”, nos resíduos singulares de comportamentos que não são integrados à estrutura de execução ou de interação principais. Isto é, trata-se da presença, em cada situação imediata, de elementos diversos de situações exteriores (e talvez também anteriores).

Tamanhas são a força e a originalidade do ser humano: uma presença atenuada em uma mesma situação, graças à presença de suportes materiais e de elementos que desviam a atenção, ao mesmo tempo em que há a possibilidade de se “postergar” uma provação que surja a partir de uma perda de suportes na ação em curso. (Piette, 2009, p. 38, tradução nossa<sup>12</sup>)

Uma leitura de sobrevoo permite-nos identificar a natureza do fenômeno estudado: em uma perspectiva *existencial*, temos aí instaurada a questão da *presença*, seja ela intensa ou “atenuada”. Por consequência, trata-se de recuperar as expressões da variação da presença dos atores, em termos de intensidade e extensidade, a partir de um modo de presença e de uma situação semiótica predefinidos, convertidos em um campo fenomenológico e perceptivo. Ou seja, se o *modo maior* é “ativo” e o *modo menor* é “passivo”, deve haver uma permuta de papéis actanciais e uma comutação de modalizações (especialmente entre *querer* e *poder fazer*). Piette desenvolve sua concepção graças a uma série de exemplos ilustrativos. Dentre esses exemplos, citaremos um dos mais frequentes, e que pode, a essa altura, ser considerado como o mais heurístico de todos:

o *modo menor* do comportamento ritual é também, de certa maneira, a sua própria qualidade. Seria possível imaginar uma cerimônia religiosa composta por fiéis completamente absortos em suas preces, de mãos ao alto escutando os sermões do padre, sem nenhum desvio no olhar ou na atenção, sem pensar em outra coisa, sem deixar penetrar em seu papel de fiel traços provenientes de outros papéis? As coisas acontecem e, sem dúvida, é importante que elas aconteçam, no entanto, apenas “isso ocorre e nos afeta de uma maneira surda, lateral” (Sansot, 1986, p. 19). Como então aproximá-las? (Piette, 2009, p. 554-555, tradução nossa<sup>13</sup>)

Esse exemplo merece um exame atento. Para começar, trata-se de uma *situação semiótica*, nos termos de Landowski (1992), no interior da qual se desenrola uma *prática ritualística*, portanto, uma prática detalhadamente estruturada e programada, tendo em mente que é esse tipo de estruturação e programação que lhe confere sua eficiência de ritual. Nessa prática, os participantes desempenham o papel de “fiéis”, mas Piette nos leva a observar que eles são igualmente motivados por outros papéis. Supondo que esses outros papéis pertencem a outras práticas, logo somos conduzidos a considerar que há, em torno da prática principal, uma conjuntura de outras práticas concorrentes ou não, adjacentes ou transversais,

---

<sup>12</sup> “Telle est la force et l’originalité de l’être humain : une présence amortie dans une situation par la présence d’appuis matériels et d’éléments distrayants, et en même temps la possibilité de ‘décaler’ l’épreuve qui surgirait à partir d’une perte d’appuis dans l’action en cours.”

<sup>13</sup> “Le mode mineur du comportement rituel, c’est aussi, d’une certaine manière, sa saveur. Peut-on imaginer une cérémonie religieuse rassemblant des fidèles complètement absorbés dans leurs prières, les mains jointes et écoutant les paroles du prêtre sans aucune latéralité dans le regard et l’attention, sans penser à autre chose, sans faire pénétrer dans leur rôle de fidèle des traits issus d’autres rôles ? Les choses se déroulent et il importe sans doute qu’elles se déroulent mais « seulement tout ceci se passe et nous affecte d’une manière sourde, latérale » (Sansot 1986 : 19). Comment donc l’approcher ?”

que interferem na primeira. Cada uma dessas práticas, principal ou secundária, manifesta-se segundo um regime de presença próprio. Isso implica considerar o modo de existência global, característico da situação analisada, como sendo estratificado em vários níveis de presença, sobretudo de presença “*maior*” e de presença “*menor*”.

Na situação evocada por Piette, as manifestações das práticas adjacentes estão presentes exclusivamente nos fragmentos de gestos e de comportamentos. As interferências estão apenas esboçadas, as práticas alternativas ou concomitantes estão quase irreconhecíveis, sobretudo porque a deformação coerente imposta pelo esquema sintagmático da prática principal é particularmente forte e exclusiva. Mas sabemos que, ao longo da história das práticas religiosas, o alcance dessa deformação foi muito variável e que, por exemplo, na idade média, a plateia popular se lançava continuamente e sem cessar a diversas atividades, mesmo àquelas em que o desenrolar da conduta religiosa era somente uma ocasião periódica. Qualquer que seja o grau de manifestação dessas outras práticas interferentes, sempre é possível convertê-lo em termos de intensidade (mais viva ou “amortecida”) e de extensidade (mais ou menos fragmentária ou completa).

Essas observações implicam, portanto, uma decisão metodológica: ou devemos considerar as manifestações dessas interferências como insignificantes e, por conseguinte, não pertinentes, o que levaria o analista a normalizar seu *corpus*, eliminando-as; ou, então, devemos considerar essas manifestações como participantes da significação específica da situação, devendo o analista, nesse caso, determinar o lugar e a função de seu *corpus*. O primeiro caminho já é bastante conhecido, ao menos no que compete aos seus princípios: foi precisamente aquele assumido por Greimas, em *Semântica Estrutural* (1973 [1966]), quando, para normalizar o *corpus* de análise, transformando-o em texto, decide eliminar todas as marcas de subjetividade e de enunciação, isto é, tudo o que ancora a estrutura textual em uma situação e em circunstâncias singulares e não reproduzíveis. O segundo caminho também já foi tomado, em especial por Jacques Geninasca (1977), quando ele defende a singularidade de cada obra artística, exigindo da semiótica que ela tenha condições de dar conta dessas especificidades. Esse é também o caminho escolhido por Jean-Marie Floch (1990), quando ele escrutina todos os aspectos, mesmo os menores, aparentemente, de um objeto, de um uso ou de uma prática.

A decisão é de ordem metodológica. No caso das práticas, a partir do exemplo trazido por Piette, é preciso sustentar o pressuposto de que nenhuma prática pode ser isolada daquelas com que tem alguma relação de interferência, justamente porque são essas relações de interferência que permitem avaliar a força do engajamento dos praticantes em relação à prática principal, bem como a eficiência de sua organização sintagmática e de seus encadeamentos sucessivos. O modo “menor” (Piette, 1992, p. 551-561), especialmente o caráter mais ou menos reconhecível das manifestações adjacentes e aparentemente marginais que ele porta, é, precisamente, o que singulariza o equilíbrio ou o desequilíbrio entre os papéis (todas as facetas práticas, em todos os seus aspectos) que habitam e animam cada um dos atores da situação prática.

## Para concluir: a diversificação metodológica

No caso das práticas e das formas de vida, deparamo-nos com uma dificuldade que diz respeito à heterogeneidade do *corpus*, sobretudo ao fato de que é impossível, talvez até ilegítimo, circunscrever seus limites antes de ter começado a análise. Essa é uma dificuldade já conhecida pela metodologia etnográfica e desde muito cedo vem sendo enfrentada e resolvida a seu modo. Clifford Geertz (1998), com seu conceito de *descrição densa*, está entre aqueles que avançaram nessa direção de modo mais notável. A densidade, na concepção de Geertz, é o resultado de um procedimento iterativo e cumulativo, em que os elementos acolhidos pela análise são progressivamente testados, integrados ao *corpus*, acrescidos e articulados aos elementos precedentes, e assim por diante.

Esse método permite, em extensão à análise semiótica propriamente dita: (1) convocar dados de estatuto heterogêneo; (2) selecionar enunciações e gêneros por si só heterogêneos; (3) selecionar, dentre os dados preliminares (a “matéria”), aqueles que se mostram pertinentes para se chegar a uma forma cuja construção se encontra em curso (a “substância”). Como vemos, o método do semioticista se distingue daquele adotado pelo etnologista ao menos em dois pontos: (i) a heterogeneidade dos estatutos, gêneros e enunciações que caracterizam os dados – a princípio, o etnologista só leva em consideração suas próprias observações – e (ii) a visada teleológica de uma forma semiótica (para selecionar os tipos de modelos ou para os construir) que assume, nesse caso, o estatuto de uma *hipótese sobre a estruturação da significação* – o etnologista não está incumbido de formular a hipótese, mas deve deixar-se conduzir pelo procedimento de observação. A estruturação da significação visa a identificar a estrutura principal, possibilitando suprimir, no decorrer do procedimento, todos os elementos que aparentam não fazer parte dela, mas que ficam armazenados na memória, pois interferem nela: é assim que se estabelece a triagem que extrairia da matéria primária a substância pertinente. De modo geral, ao associar seleção de dados pertinentes e processos de análise, o método procede por acumulação e saturação: quando se acrescentam novas camadas de dados e as novas análises não oferecem nenhum novo resultado, significa que o processo atingiu a saturação necessária, e a retomada de análises, visando à sua esquematização, bem como à estruturação da forma semiótica, torna-se então possível.

Se confrontarmos esse método com aquele que preserva e leva em consideração as variantes e os aspectos da expressão e do conteúdo linguísticos, de imediato podemos constatar que, se os princípios gerais são os mesmos, as consequências metodológicas são muito diferentes. Os dados, diz Hjelmslev nos *Prolegômenos*, são *texto* e, por consequência, encontram-se fortemente homogeneizados no interior de um único sistema semiótico. Entretanto, dizíamos ainda há pouco que uma mesma forma da expressão poderia levar a diversas substâncias da expressão (verbal, icônica, gestual, oral ou escrita etc.). Todavia, não estamos, nesse caso, diante de um mesmo conjunto significante, como ocorreria com as práticas submetidas a algo equivalente a uma “descrição densa”. O que temos aí são vários textos, vários conjuntos significantes conectados, complementares ou alternativos, cujas relações poderão ser consideradas, após uma análise individual, como intersemióticas (ou “intermodais”).

Dessa confrontação resulta que a semiótica, levando ao limite a sua reflexão metodológica, deve considerar essas diferenças de métodos que dependem, ao mesmo tempo, da natureza das “semioses” visadas e do tipo de disciplina responsável pela segmentação das tarefas e dos domínios do mundo de pesquisa. Nos dois casos examinados (o texto e a teoria da linguagem, e as práticas e a etnologia), podemos começar pela distinção entre tipos de semiose (texto ou prática) ou pela distinção entre as interfaces disciplinares (linguística ou etnologia). Em ambos os casos, uma diferenciação leva imediatamente à outra, o que remete, portanto, a regimes metodológicos distintos.

Essa é a razão pela qual defendemos, há mais de dez anos, uma abordagem semiótica caracterizada segundo vários “planos de imanência”, a saber: o do *signo-figura*, o do *texto-enunciado*, o do *objeto-suporte*, o da *prática-estratégia*, e o da *forma de vida-modo de existência* (Fontanille, 2008). Uma versão mais recente dessa tipologia de planos de imanência foi proposta na obra *Terres de sens* (Fontanille; Couégnas, 2018), em que se distinguem quatro grandes regimes semióticos: as *figuras* (signos), as *obras* (textos e objetos), os *fluxos* (práticas, formas de vida) e as *existências* (modos de existência, modos antropológicos). Essa tipologia de planos de imanência decorre de uma tipologia de *regimes semióticos* e funda suas primeiras formulações (Fontanille, 2005) em uma distinção entre substância e forma, especialmente entre os “resíduos de substâncias” que possibilitam a estruturação da forma em cada um dos planos de imanência.

Por exemplo, no plano de imanência do texto-enunciado, uma obra pictural pode ser estruturada enquanto texto, sem que possamos levar em conta as propriedades plástico-gestuais da pincelada e do traço. Esses resíduos substanciais serão implicados no processo de análise no momento da estruturação de um outro plano de imanência, que é o das *práticas-estratégias*. Do mesmo modo, na estruturação da forma de uma prática socioeconômica (no plano de imanência das *práticas*), a focalização do sistema central da prática obriga a deixar de fora elementos substanciais que serão implicados no plano de imanência das *formas de vida*. Na análise das práticas socioeconômicas de cooperação (no caso das cooperativas operárias), por exemplo, a estruturação narrativa e actancial se concentrará em dois aspectos: nos (i) sincretismos actanciais (o sujeito operário é também o beneficiário do bem produzido, o destinador é um actante coletivo que condensa todos os membros da cooperativa) e na (ii) hierarquia entre as modalidades (o querer-aderir domina e funda todas as manifestações de igualdade entre os membros da cooperativa). Essa focalização metodológica é ditada, principalmente, pela confrontação política e pela necessidade de distinção em relação ao modelo capitalista. Mas ela deixa relegada a segundo plano (nos “resíduos substanciais”) um tratamento original da alteridade, da diferença e do amadurecimento de “si como um outro” que não deixaria de surpreender. O tratamento da alteridade se dará no momento da estruturação da *forma de vida cooperativa* e repousará sobre uma retomada formal do princípio de *reciprocidade generalizada*, constitutivo de um actante coletivo que se compõe tão somente por “outros”. É o próprio processo cooperativo que reforça e renova sistematicamente essa alteridade.

A diversificação metodológica da semiótica, fundamentada teoricamente em uma tipologia de planos de imanência e de regimes semióticos, explora sistemati-

camente, por consequência, não apenas as articulações da substância e da forma, mas sobretudo a distinção entre os modos “maiores” (a estruturação da forma) e “menores” (os resíduos substanciais) em cada plano de imanência. Portanto, essa distinção é estruturada pela hierarquia, pelas conversões e pelas articulações entre os planos de imanência e entre os regimes metodológicos associados a cada um dos regimes semióticos. ●

## Referências

- FLOCH, Jean-Marie. *Sémiotique, marketing et communication: sous les signes les stratégies*. Paris: PUF, 1990.
- FONTANILLE, Jacques. Textes, objets, situations et formes de vie: Les niveaux de pertinence du plan de l’expression dans une sémiotique des cultures. In: BERTRAND, Denis; COSTANTINI, Michel (orgs.). *Transversalité du sens*. Paris: PUF, 2005.
- FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: PUF, 2008.
- FONTANILLE, Jacques; COUÉGNAS, Nicolas. *Terres de sens: Essai d’anthroposémiotique*. Collection Semiotica viva. Limoges: Pulim, 2018.
- GEERTZ, Clifford. La description dense. *La description 1, Enquête, anthropologie, histoire, sociologie 6*. 1998. Disponível em: < <https://enquete.revues.org/1353> >.
- GENINASCA, Jacques. *La parole littéraire*. Paris: PUF, 1997.
- GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica estrutural*. Pesquisa de método. São Paulo: Cultrix, 1973 [1966].
- HJELMSLEV, Louis. A estratificação da linguagem. In: CIVITA, Victor (ed.). *Os Pensadores*. Coleção Abril Cultural. São Paulo: Editora Abril, 1978 [1954], p. 149-177.
- HJELMSLEV, Louis. Sur les rapports entre la phonétique et la linguistique. In: HJELMSLEV, Louis. *Nouveaux essais*. Paris: PUF, 1973a [1938].
- HJELMSLEV, Louis. *Essais linguistiques II*. Copenhague: Nordisk Sprogog Kulturforlag, 1973b.
- KUMMER, Hans. *Vie des singes*. Paris: Odile Jacob, 1993.
- LANDOWSKI, Eric. Condições semióticas da interação. In: LANDOWSKI, Eric. *A sociedade refletida: ensaios de sociosemiótica*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo/Campinas: Educ/Pontes, 1992.
- MARTHELOT, Perrine. *Karl Bühler, du contexte à la situation: La signification*. Paris: Armand Colin, 2012.
- PIETTE, Albert. Mode mineur de la réalité et réflexivité diffuse: Contribution à une anthropologie de la critique. *Social Science Information/Information en sciences sociales*. 1992, n. 31, v. 3, p. 551-561.
- PIETTE, Albert. *Anthropologie existentielle*. Collection Anthropologiques. Paris: éditions Petra, 2009.
- SANSOT, Pierre. *Les formes sensibles de la vie sociale*. Paris: PUF, 1986.
- SAUSSURE, Ferdinand de. O valor linguístico. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012, p. 158-167.
- TOUTAIN, Anne-Gaëlle. Entre interprétation et réélaboration: Hjelmslev lecteur du Cours de linguistique générale. *Les dossiers de HEL 3*. Paris: SHESL, 2013.

Disponível em: <<http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/toutai.pdf>>.

WAAL, Frans de. *De la réconciliation chez les primates*. Paris: Flammarion, 1992.

---

## Dados para indexação em língua estrangeira

Fontanille, Jacques; Tsala-Effa, Didier  
Towards a semiotics directed by methodology  
*Estudos Semióticos*, vol. 15, n. 1, (2019)  
ISSN 1980-4016

---

**Abstract:** *One of persistent difficulties in semiotics is the gap installed between the theoretical speculations and the epistemological reflections, on the one hand, and the methods and the results of data description and interpretation, on the other hand. In order to solve the problem noted, we propose in this paper to invert the natural order of priorities, and to take into consideration that the semiotics should be piloted by the methodology and not by the epistemology directly. To this first position, we add two criteria: (i) the method capability to be able to report the singularity of the analyzed objects, (ii) the articulation of this method with the neighboring disciplines that deal with the same objects. Therefore, our proposition will be articulated in two moments: (1) a detailed examination, in the language theory, of conditions in which is possible, at the same time of the form structuration, to take into account the substantial variations, (2) a reflection, based on results from the first point, about the practical singularity treatment at the interface between the semiotics and the ethno-anthropology. The whole is a contribution in favor of a controlled diversification of methodological regimes in semiotics*

**Keywords:** *Interdisciplinarity; Form Structuration; Substantial Variations; Singularity; Regimes of Semiotics; Methodological Regimes.*

---

### Como citar este artigo

Fontanille, Jacques; Tsala-Effa, Didier. Por uma semiótica dirigida pela metodologia. *Estudos Semióticos* [on-line]. Volume 15, n. 1. Editores convidados: Oriana N. Fulaneti e Alexandre Marcelo Bueno. São Paulo, agosto de 2019, p. 162–180. Disponível em: { [www.revistas.usp.br/esse](http://www.revistas.usp.br/esse) }. Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 27/02/2019  
Data de aprovação: 22/04/2019

---